

INSTITUTO CATÓLICO DE ESTUDOS SUPERIORES DO PIAUÍ

Licenciatura em Filosofia

RAFAEL MOURA LIMA

**A AMIZADE COMO CAMINHO PARA A FELICIDADE NA OBRA
“ÉTICA A NICÔMACO” DE ARISTÓTELES**

Cod. 6126
C. 100
L 932.10

Filosofia
TCC - Filosofia

TERESINA-PI

2019

IC-ESPI - Biblioteca	
13695	23/06/2022

RAFAEL MOURA LIMA

**A AMIZADE COMO CAMINHO PARA A FELICIDADE NA OBRA
“ÉTICA A NICÔMACO” DE ARISTÓTELES**

Monografia apresentada ao Curso de
Licenciatura em Filosofia do Instituto Católico de
Estudos Superiores do Piauí para obtenção do
título de Licenciado em Filosofia sob a
orientação do Prof. Dr. Pe. José de Anchieta
Arrais

TERESINA-PI

2019

RAFAEL MOURA LIMA

**A AMIZADE COMO CAMINHO PARA A FELICIDADE NA OBRA
“ÉTICA A NICÔMACO” DE ARISTÓTELES**

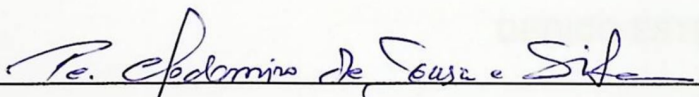
INSTITUTO CATÓLICO DE ESTUDOS SUPERIORES DO PIAUÍ

Curso de Licenciatura em Filosofia

Data de aprovação: ____ de _____ de 2019

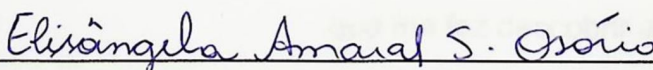
Prof. Dr. Pe. José de Anchieta Arrais

Orientador



Prof. Ms. Pe. Clodomiro de Sousa e Silva

Primeiro Examinador



Prof. Ms. Elisangela Amaral Soares Osório

Segunda Examinadora

DEDICO ESTE TRABALHO

Ao Movimento Evangelizador Luz-vida,
que me fez descobrir a fé Cristã Católica;

Aos meus pais e minha família;

Aos meus irmãos de caminhada;

À Diocese de Parnaíba, em especial aos
amigos benfeitores de seminário.

AGREDECIMENTO

A Deus e a Nossa Senhora;

Aos meus pais Gabriel Barbosa Lima e Maria Luiza moura Silva;

À minha Diocese de Parnaíba;

Aos senhores bispos: Dom Juarez e Dom Alfredo;

Aos meus amigos benfeitores do seminário;

Aos meus irmãos seminaristas da minha diocese;

A meu orientador, Prof. Dr. Pe. José Anchieta Arrais

pelo incentivo na escrita deste trabalho;

À minha amiga Janete Alves de Araujo que me deu grande incentivo;

A meus amigos da comunidade Face de Cristo, em especial, Maria Luiza Gomes

Moreira e Joao Pedro Gomes Cardoso;

E a todos que me ajudaram a concluir mais essa etapa da minha vida. "Um amigo se faz rapidamente, já a amizade é um fruto que

amadurece lentamente".

-Aristóteles

RESUMO

O presente estudo discute sobre a amizade como caminho para a felicidade. Encontra-se baseado na obra *Ética a Nicômaco* de Aristóteles. A partir de então, evidenciou-se, esclarecimentos no que diz respeito à relevância da temática, considerando ações do homem buscando o caminho da felicidade. Nessa perspectiva, propõe-se como objetivo geral: apresentar a concepção aristotélica de amizade e identificar em qual dos três tipos mencionados de amizade se pode chegar à felicidade. Seguido pelos pontos específicos: I) descrever a amizade a partir do conceito de Aristóteles na obra *"Ética a Nicômaco"*; II) compreender os caminhos que nos levam a felicidade; III) averiguar as diferenças presentes entre os termos amizade e amor. A escolha pela temática veio por meio da curiosidade em entender, diante de fontes bibliográficas, a importância da amizade para viver em comunidade. Assim partiu-se a seguinte problemática: De que forma a amizade pode conduzir um indivíduo para a felicidade, tendo em vista que o ser humano é induzido a manter uma constante relação com o outro? O ponto de partida da pesquisa ocorre a partir de análises de publicações que estão baseadas na obra *"Ética a Nicômaco"* de Aristóteles. Por meio da pesquisa, pode-se perceber que a amizade é o reflexo da felicidade, pois quando a amizade é verdadeira o indivíduo adquire, além da confiança, a felicidade de poder contar e ter um amigo. Assim, urge uma reflexão sobre as bases para percurso a ser realizado em busca da consolidação da amizade.

PALAVRAS-CHAVE: Amizade. Virtude. Felicidade.

ABSTRACT

This study discusses friendship as a path to happiness. It is based on Aristotle's Nicomachean Ethics. From then on, clarifications became evident with regard to the relevance of the theme, considering the actions of man seeking the path of happiness. In this perspective, it is proposed as a general objective: to present the Aristotelian conception of friendship and to identify in which of the three mentioned types of friendship one can reach happiness. Followed by the specific points: I) describe friendship based on Aristotle's concept in the work "Ethics to Nicomachus"; II) understand the paths that lead to happiness; III) investigate the differences between the terms friendship and love. The choice for the theme came through curiosity to understand, in the face of bibliographic sources, the importance of friendship to live in community. Thus, the following problem was raised: How can friendship lead an individual to happiness, considering that the human being is induced to maintain a constant relationship with the other? The starting point of the research is based on analyzes of publications that are based on Aristotle's "Ethics to Nicomachus". Through research, it can be seen that friendship is the reflection of happiness, because when friendship is true, the individual acquires, in addition to trust, the happiness of being able to count and have a friend. Thus, a reflection on the basis for the path to be taken in search of the consolidation of friendship is urgent.

KEYWORDS: Friendship. Virtue. Happiness...

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	9
2	AMIZADES EM ARISTÓTELES	11
2.1	Amizade por utilidade.....	14
2.2	Amizade por benevolência	17
3	OS CAMINHOS PARA A EUDAIMONIA.....	21
3.1	O homem para Aristóteles.....	22
3.2	As virtudes que nos levam à felicidade	24
3.3	A felicidade como contemplação.....	27
4	AMIZADE E AMOR.....	29
4.1	A diferença entre amor e amizade	30
4.2	Amizade e Virtude	32
5	CONCLUSÃO	36
	REFERÊNCIAS.....	39

1 INTRODUÇÃO

Este estudo apresenta a Amizade fundamentada no pensamento de Aristóteles, autor e filósofo, tido como um dos maiores pensadores da cultura ocidental. O mesmo foi discípulo do filósofo Platão. Aristóteles nasceu em Estagira, na Macedônia, colônia grega, no ano de 384 a.C. Filho de Nicômaco, médico do rei Amintas III, recebeu sólida formação em Ciências Naturais.

Diante do estudo realizado surge a seguinte indagação: de que forma a amizade pode conduzir um indivíduo para a felicidade, tendo em vista que o ser humano é induzido a manter uma constante relação com o outro? Este mesmo entendimento pode ser esclarecido na obra “Ética a Nicômaco”, onde Aristóteles afirma que amizade é uma virtude na qual o indivíduo vai amadurecendo o seu olhar diante do caminho da felicidade. Sendo assim, o autor apresenta três tipos de amizades onde encontram-se baseadas na felicidade por utilidade, por prazer e pela virtude. Cabe ao indivíduo compreender que a felicidade gera prazer ou amizade virtuosa.

Este trabalho buscará descrever a amizade a partir do conceito de Aristóteles na obra “Ética a Nicômaco”, bem como distinguir sobre a amizade por utilidade e amizade por benevolência. Nesse sentido, o objetivo geral deste estudo é apresentar a concepção aristotélica de amizade e identificar em qual dos três tipos mencionados de amizade se pode chegar à felicidade. Para atingir o objetivo proposto, a pesquisa será subdividida em alguns objetos específicos: I) descrever a amizade a partir do conceito de Aristóteles na obra “Ética a Nicômaco”; II) compreender os caminhos que nos levam a felicidade; III) averiguar as diferenças presente entre os termos amizade e amor.

O trabalho que será exposto se justifica através da pesquisa buscando demonstrar o tema da amizade em Aristóteles, com intuito de mostrar as condições de atingir a felicidade. O Estagirita é um dos que se destacam no pensamento da filosofia antiga. O seu pensamento influenciou em vários campos da filosofia. Ressalta-se aqui a ética aristotélica com o seu livro “Ética a Nicômaco”, nossa base principal para essa pesquisa.

Nesta pesquisa também é importante salientar a necessidade de diferentes leituras para uma considerável produção filosófica. À vista disso, neste trabalho

tentou-se despertar um maior interesse no campo da pesquisa tanto para os estudantes de filosofia, como também para os estudantes de outras áreas.

Busca-se ainda demonstrar a importância da amizade em vista da felicidade. Desta forma, descreve-se a necessidade em conduzir o indivíduo para uma vida feliz. Assim, é útil elencar que a amizade tem um importante valor com relação a felicidade das pessoas, pois ela pode contribuir numa maior felicidade para o indivíduo.

Para o desenvolvimento deste estudo, fez-se necessária a análise de conteúdo por meio de pesquisas bibliográficas, seguindo os seguintes passos metodológicos: reunião das obras que retratam sobre o tema, leitura dos textos, fichamento do conteúdo e referências significativas que poderão ser utilizadas, e por fim, a redação e revisão do trabalho. No entanto, para um melhor entendimento, fez-se necessário analisar os textos para que se possa entender o pensamento de Aristóteles, bem como os conceitos de amizade, felicidade e comunidade. Estes, então, ajudarão no desenvolvimento desta pesquisa.

No primeiro capítulo, abordaremos sobre o caminho para a felicidade, trazendo uma compreensão sobre a existência do homem, assim como as virtudes que elevam a busca pela a felicidade. Para uma melhor compreensão, o segundo capítulo buscará, por meio de fontes bibliográficas, analisar o termo amizade em Aristóteles, trazendo abordagens sobre a amizade por utilidade e por benevolência.

No terceiro capítulo, buscar-se-á realizar um aprofundamento da amizade e do amor, relatando sobre o sentido da amizade pela virtude e por que ela se mostra como a verdadeira. Segundo Aristóteles, é a mais perfeita e superior da sua espécie, cujo objeto de amor é aquilo que é bom. Assim, a amizade perfeita é a dos homens que são bons e afins na virtude, pois esses desejam igualmente bem um ao outro enquanto bons, e são bons em si mesmos. Haja vista, que a amizade é o reflexo da felicidade, pois quando a amizade é verdadeira o indivíduo adquire, além da confiança, a felicidade de poder contar e ter um amigo.

2 AMIZADES EM ARISTÓTELES

Por meio do estudo da amizade em Aristóteles, pode-se observar no livro “Ética a Nicômaco” a relação apontada com fundamental e importante para a amizade e sua relevância para a sociedade, pois o autor destaca a mesma como elo entre a ética e a política da pólis. Mas antes de abordarmos a amizade em Aristóteles é importante definirmos o que é, e qual a importância na vida das pessoas.

Como já mencionado anteriormente a amizade tem a sua relevância, pois envolve todos os seguimentos das relações humanas. Há mesma encontra-se dentro do contexto social em que abrange todas as classes sociais, cores, religião, e não se encontra relacionada apenas à família. Tomando-se como base os pressupostos do filósofo Aristóteles que mostra a influência desse tema na pólis, amizade contribui para que a convivência na sociedade ocorra de maneira amorosa e para que haja afeto entre a humanidade.

De acordo com as ideias de Aristóteles, na obra “Ética a Nicômaco”, a amizade é verdadeiramente uma virtude. Como bem destaca ele, “amizade é uma virtude ou implica virtude, e além disso é extremamente necessária à vida” (ARISTÓTELES, 2001, p. 163). O estagirita destaca a necessidade da amizade na vida do homem. Percebe-se que a amizade é necessária tanto para a boa convivência como para o bem-estar.

A amizade para os que possuem o poder é uma relação lógica, pois de que adiantaria ter muita riqueza se não há com quem desfrutá-lo? Assim, Aristóteles pensa que “os ricos, os que ocupam altos cargos, e os que detêm o poder são os que mais precisam de amigos” (EN, VIII, 1155a, 5). De fato, o homem rico não se realizará apenas pelos seus bens, mas por compartilhá-los. Para tal partilha faz-se necessário outro homem com a mesma virtude, a fim de que possam dividir, além dos bens materiais, os seus sentimentos.

A amizade pode ser considerada um tema bastante amplo dependendo de que ponto se investiga. Poderíamos estudá-la tendo como base o senso comum, o meio físico, ou ainda, como uma forma educacional. Nós, porém, nos deteremos à amizade como parte da ética e da filosofia. Para Pichler (2004, p. 19), Aristóteles enfatiza que amar é a virtude essencial na convivência entre amigos. Ela passa a ser uma disposição de caráter, um hábito, algo adquirido pela prática de amar, igualmente

na justa medida, que é característica da virtude ou excelência moral. A amizade é, portanto, uma virtude, e os homens que conseguem vivê-la são poucos, pois aqueles que conseguem viver podemos dizer que são virtuosos.

O tipo de amizade evocada por Aristóteles tem um papel muito importante na comunidade, pois expressa o reconhecimento do bem. Quando pensamos na felicidade logo tentamos encontrar uma definição um conceito para tal acontecimento diante deste contexto. Abbagnano (2000, p. 37) traz a seguinte definição para a amizade de modo geral como sendo “a comunidade de duas ou mais pessoas ligadas por atitudes concordantes e por afetos positivos”. Assim, o sentimento de amizade só é possível quando os homens estão em comunhão ou no meio social.

Reportamo-nos ao pensamento de Aristóteles por meio do comentário de Renata de Oliveira Lara (2009, p. 42) que argumenta que “Aristóteles tem, entretanto, visão mais ampla e extensa, e define a amizade como virtude e hábito, não como condicionamento, mas como disposição de caráter, disposição ativa de empenho da pessoa ao bem”. É perceptível, na virtude aristotélica apresentada por Lara, a inclinação para o bem. Percebe-se que a amizade não é apenas um condicionamento, mas uma amplitude de caráter da pessoa ao bem.

O autor de “Ética a Nicômaco” mostra que é fundamental ter amigos, pois a cada faixa etária eles ajudam a pessoa a ter inclinação para a virtude, aos jovens, por exemplo, ajuda a evitar o erro; aos mais velhos, ela é favorável para suprir as suas atividades quando essas a declinam; e aos que estão na adolescência ou no vigor da idade ela estimula a prática de nobres ações, pois a comunhão amigável favorece tanto a capacidade de agir como a de pensar (EN, VIII, 1155a).

Pensar em uma felicidade em favor de uma amizade é muito importante na sociedade, sobretudo quando se tem o desejo de encontrar na amizade uma felicidade no homem no qual prepara para uma boa dimensão. Desta forma, compreende-se que, para Aristóteles, “a amizade é uma virtude que constitui umas das exigências mais imprescindíveis da vida”, haja vista que ninguém prefere viver sozinho. Por isso, são de suma importância para o indivíduo a parceria e a cumplicidade de um amigo (EN, VIII, 1155a, 5).

Sobre uma amizade feliz no desejo de apresentar uma virtude no fato de ser necessário a uma vida para lançar um laço de amizade para viver bem, de acordo com

Aristóteles é essencial alcançar um equilíbrio nas ações humanas na parença de amigos confiável, pois ninguém é feliz sozinho.

Aristóteles aponta três exemplos de amizade (EN, VIII, 1156a). Por conseguinte, na amizade baseada na utilidade são “Os que amam por causa de sua utilidade não se amam por si mesmo, mas em virtude de algum bem que recebem um do outro” (EN, VIII, 1156a, 10).

Compreende-se que, na obra “Ética a Nicômaco”, o amor contribui a uma amizade feliz em vista do próximo, pois o outro representa a pessoa ou um objeto de utilidade para quem o ama no amor sendo necessário ver uma bondade que caracteriza a felicidade como bem para próximo. Pode-se considerar a amizade como um objeto de quem vai retirar do próximo no qual ele lhe pode proporcionar um valor para a sua felicidade. Quanto a esse modo de amizade, ela se caracteriza como sendo em vista na utilidade para o bem da felicidade do outro.

Como de fato a amizade verdadeira só pode ser com pessoas boas que se vai encontrando, a felicidade entre os indivíduos no qual liga o prazer que pode começar ou que pode acabar ou não mais sim dá lugar a conviver em uma amizade produtiva a uma felicidade em prol da outra pessoa. Baseado neste pensamento, Aristóteles (2019, p. 294) argumenta que

Amizade perfeita é aquela entre os indivíduos bons e mutuamente semelhantes em matéria de virtude, isso porque desejam igualmente o bem mútuo na qualidade de bem e são bons em si mesmo, ora aqueles que querem o bem de seus amigos na aceção mais plena, visto que se amam por eles mesmo e não acidentalmente, por conseguinte a amizade deste dura enquanto continuam sendo bons.

Diante da abordagem que Aristóteles realiza sobre a amizade, como uma virtude necessária à vida, na sua compreensão, para se viver bem e ser feliz, precisa-se de amigos para chegar a esse fim, pois segundo ele não poderíamos alcançar a felicidade sozinho. Assim, “visto que ela é uma virtude ou implica virtude, sendo, além disso, sumamente necessária à vida. Porque sem amigos ninguém escolheria viver, ainda que possuísse todos os outros bens” (ARISTÓTELES, 2019, p. 294).

Desta forma, percebe-se que o indivíduo não planeja viver sozinho; mesmo tendo bens, dos quais desfrute, ele precisa de amigos. Os ricos ou aqueles que têm o poder sentem a necessidade de ter amizades, pois sozinho o homem não se satisfaz,

passando a sentir-se incapaz na sociedade, assim como infeliz. Entretanto, é visto que a amizade transmite segurança entre os indivíduos.

Diante do contexto abordado, Aristóteles traz como definição de amizade a afinidade por pessoas semelhantes. Entretanto, outros filósofos contradizem sobre a afirmativa do estagirita. Segundo Heráclito “de notas diferentes nasce a melodia mais bela”, “o que se opõe é que ajuda” (REALE, 1990, P. 32). Ainda há filósofos que acreditam que o semelhante atrai semelhante. Desta forma, percebe-se que as definições apontadas tem o mesmo estudo apontando o amor enquanto amizade.

2.1 Amizade por utilidade

Quando falamos em utilidade, logo nos vêm em mente o ser “útil”, e é bem isso mesmo o que traz a sua etimologia. Todavia, quando se pesquisa por meio de dicionário, podemos compreender que a mesma nos apresenta algo necessário, algo fundamental para a ser humano. Feito uma análise mais profundo na Grécia, o útil traz como definição o “ser bom”.

Aristóteles mostra o útil relaciona ao ser humano como indivíduo que vai em busca de alcançar seus objetivos. O filósofo aponta a utilidade como algo que o indivíduo utiliza para chegar ao fim da realização de um sonho. Para Aristóteles, a amizade por utilidade, encontra-se atrelada ao sentido de ser um meio para se ter algo ou conseguir algo para seu próprio desfrute, quando conseguimos, esse deixa de ser meio tornando-se fim. “Ora os que se amam por causa de sua utilidade não se amam por si mesmos, mas em virtude de algum bem que recebem um do outro.” O filósofo ainda conclui que:

A amizade baseada na utilidade não é permanente, mas muda constantemente, tal amizade se dissolve facilmente, se as partes não permanecem iguais a si mesmas: caso uma das partes cessa de ser útil, a outra deixa de amá-la. Essa espécie de amizade existir principalmente entre velhos, pois são pessoas que buscam o útil e, dos jovens e dos que estão no vigor dos anos, entre os que buscam a utilidade (EN, VIII, 1156a, 20-25).

Entretanto quando pensamos sobre a amizade por utilidade, logo entende-se que o ser humano encontra-se ali em busca de conseguir algo para ele, está se servido

da amizade para obter algo em troca. Desta forma percebe-se que esta amizade não tem base sólida, a mesma é tida como algo passageiro.

A compreensão de amizade é um indicio de uma disposição de proporcionar ajuda ao outro, pois deixar de conceder ajuda em uma dificuldade é entendido como uma falta de boa vontade que não podemos caracterizar como uma verdadeira amizade. Percebe-se que, para uma relação saudável com o próximo, é necessária, antes, uma boa relação consigo mesmo. Para ser uma pessoa feliz dentro da comunidade é preciso apropriar-se das virtudes.

As virtudes, para Aristóteles, têm o papel de alcançar a felicidade humana e o bem-estar sob a perspectiva da liberdade e ações práticas na vida da comunidade. Por isso, as virtudes tendem para o bem do homem e para a boa ordem social. A atividade social, com a prática das virtudes, compreende-se a partir da permanência do homem virtuoso na comunidade e seu bem viver como busca da felicidade.

O estagirita revela que “aqueles que fundamentam sua amizade no interesse, amam-se por causa de sua utilidade, por causa de algum bem que recebem um do outro, mas não amam um ao outro por si mesmo” (EN. VIII, 1156a, 10). De fato, o amigo que tem por base a utilidade, não está preocupado com o que o outro é na sua essência, mas com o bem que ele pode lhe proporcionar, pode citar-se, como exemplo, o indivíduo ser amigo do outro por ele ser inteligente.

Nessa espécie de amizade a sua durabilidade é reduzida justamente por ser vulnerável ao mal-estar, proporcionado por uma das partes como, por exemplo, a queixa, a cobrança e a calúnia. Portanto, esse nível de amizade encontrará mais facilmente entre as pessoas de maior idade ou menor idade porque ambos buscam o agradável para si mesmo, não visam os outros.

Segundo Warken (2005, p. 71) “A amizade baseada na utilidade é aquela em que obtemos algum proveito ou benefício, e não pelo amigo mesmo, mas sim à medida que os amigos se utilizam, se beneficiam de algo uns dos outros”. Sendo assim, amizade se faz necessária porque ela perpassa uma ideia de que os indivíduos são bons, portanto, para existir um verdadeiro laço de amizade é preciso ter uma boa relação e desejos, mais isso tudo conduzido pelo racional tendo um certo equilíbrio. Para cultivar a amizade faz-se necessário a prática do meio-termo, ou seja, não ter amigos em excesso nem tampouco.

Baseado neste mesmo entendimento, Barnes (2009, p. 294) diz que, “quando surgem recriminações, ela tende a ser insolúvel porque não se pode decidir se o serviço deve ser avaliado pelo que custa a quem o cede ou pelo seu valor para quem o recebe”. Está claro que a amizade fundamentada na utilidade tem por base ao que é vantajoso para si.

Algumas pessoas que estão envolvidas nesta espécie de amizade, não conseguem ter uma aproximação contínua, pois não sentem a necessidade de uma companhia do outro, a não ser que seja extremamente útil, e essa relação entre amigos é desfeita se acaso uma deixa de ser o que era.

Segundo Aristóteles (EN, VIII, 1158a, 20), “A amizade que se baseia na utilidade é própria das pessoas de espírito mercantil”. O que mantém a ligação desta é o espírito comercial, a busca pela manutenção ou aquisição de bens materiais, acumular riquezas torna-se um dos principais fins, dentre outros. Diante deste entendimento, Baldini (2000, p. 63) aponta que:

Amizade pela utilidade parece surgir, sobretudo, entre pessoas idosas. De fato, os homens dessa idade não buscam o que é agradável, mais o útil. O mesmo, porém, pode-se dizer também a respeito de homens maduros e de jovens que procuram o útil. E tais indivíduos não levam sequer entre eles uma vida comum, aliás, às vezes, não é agradável sequer frequentá-los, e por esta razão os amigos não desejam nem mesmo a sua companhia, quando eles não são úteis (BALDINI, 2000, p.63).

Dessa forma, notamos que Baldini demonstra que esse tipo de amizade é mais comum entre pessoas já mais idosas e maduras, pelo fato que elas buscam o que é mais útil para elas. Portanto, esse tipo de amizade é também visto, principalmente, entre as pessoas de classe diferente e entre os opostos, como apresenta o estagirita: “A amizade com vista da utilidade parece ser a que mais facilmente se forma entre contrários, como, por exemplo, entre pobres e ricos, entre ignorantes e letrados; porque um homem ambiciona aquilo que lhe falta e dá algo em troca” (EN, VIII, 1159b, 10 -15).

Compreende-se que, a partir do pensamento de Aristóteles, que é contrário e também o fundamento para a amizade utilitária, pois nesse tipo de relação as pessoas procuram satisfazer os outros, e serem satisfeitas. Nela há uma relação mais viável onde há superior e inferior.

Na amizade utilitária podemos perceber que ela é lançada por um anseio de suprir uma necessidade, onde a pessoa passa a interagir com o outro na possibilidade de se fazer proprietário de algo que lhe parece útil e que a pessoa a que se alia possui. Desta maneira, podemos dizer que a relação de amizade se desenvolve de forma planejada, porque nesse tipo de amizade a pessoa quer que o outro seja útil, na perspectiva de satisfazer seu prazer.

Diante da amizade por utilidade, podemos concluir neste tópico que a mesma é tida como uma amizade com puro sentimento de espírito mercantil, trazendo como objetivo principal construir uma amizade em base de se elevar, de ganhar reconhecimento, haja vista que a mesma busca apenas a construção de seus desejos. Esse tipo de amizade, para Aristóteles, é o pior tipo existente.

2.2 Amizade por benevolência

O presente tópico apresenta a benevolência da amizade, no qual percebe-se a existência de um elo entre ambas. Porém, para Aristóteles não é exatamente isso que ocorre. O filósofo aponta que ambas não possuem distinção, haja vista que a benevolência trata-se, de uma disposição para com as pessoas, independente de conhecê-las ou não. Já a amizade vai além do simples fato de ser bom para com o outro. Pois esta última implica um conhecimento mútuo, uma reciprocidade que gera intimidade entre elas.

Diante deste contexto, percebe-se que o benevolente não tem e nem sente necessidade de haver um envolvimento amistoso. Podemos, então, definir a benevolência como algo racional, uma atitude de bom senso, ou seja, ações que demonstre a solidariedade, o respeito e o carinho pelo o outro. Vale a pena destacar que, dentro desta amizade, também pode haver um sentimento oposto, o qual o indivíduo passa a ter um sentimento de piedade.

Entretanto, segundo Aristóteles, por meio da benevolência o indivíduo pode ofertar meios para que se possa induzir a uma amizade, e o filósofo aponta a benevolência como o início de uma amizade, haja vista que as características da benevolência apontam sobre o bem gostar ao outro, o gostar sem querer nada em troca, o querer bem por desejar a felicidade e o bem-estar do próximo. Porém, para Aristóteles só ocorrerá a amizade quando o sentimento for recíproco.

Abbagnano (2000, p. 40) nos faz compreender que “o amor é uma relação solidária, ou amizade entre as pessoas”. Assim:

Aqueles que amam um amigo amam o que é bom para si mesmos, pois o homem bom, ao tornar-se amigo, torna-se um bem para o seu amigo. Cada qual, então, ao mesmo tempo que ama o que é bom para si, retribui desejando bem e proporcionando prazer ao amigo na mesma medida; diz-se que amizade é igualdade, e ambas são encontradas mais comumente na amizade das pessoas boas (EN, VIII, 1157 b, 25 a 35).

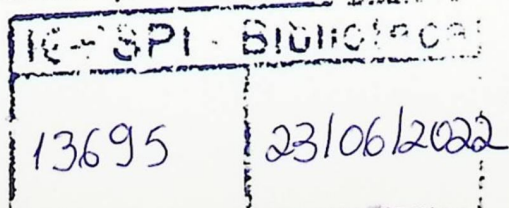
Entretanto, para Lara (2009, p. 46), “a amizade reside no bem, por isso amizade verdadeira só pode haver entre pessoas boas”. Sendo esta duradoura pelo amor que se desenvolve em ambas as partes. Percebe-se ainda que a amizade entre pessoas afins é desenvolvida a partir do amor mútuo. “O amor que está ligado ao prazer pode começar e acabar rapidamente, mas pode também dar lugar à vontade de conviver; neste caso, assume a forma da amizade” (ABBAGNANO, 2000, p. 40).

Sendo assim, percebe-se a reciprocidade com algo fundamental, no qual cria um vínculo entre a benevolência e a amizade. Sem este envolvimento, Aristóteles acredita que não tem como haver a amizade, assim como é percebível a sua contribuição para as boas relações sociais.

Diante deste contexto, percebe-se que a experiência moral está em amar mais que ser amado, mas, nos recorda Renata de Oliveira (2009, p. 46), que, segundo Aristóteles, a relação de amizade naturalmente, além de uma relação de sentimentos positivos recíprocos é um traço de caráter. Ela nos recorda ainda que, de fato, a amizade se revela por meio das relações, ou seja, por meio do diálogo e da convivência.

Segundo Aristóteles, o que distingue a benevolência do amor é que a primeira considera que os jovens são rápidos em fazer amizades, entretanto para os indivíduos de idades mais avançadas já ocorre certa dificuldade de se fazer e manter uma amizade. Entretanto, para o autor é de natureza da humanidade a forma em que a amizade ocorre por meio de seleção de fatores no qual distinguimos como uma boa companhia (EN, VIII, 1158 a, 5).

De fato, “a benevolência é o querer bem ao outro, pois a boa vontade pode haver até por uma pessoa que nunca vimos” (LARA, 2009, p. 47). Portanto, a



benevolência é bondade. Assim, “tais pessoas podem demonstrar benevolência umas para com as outras, desejando-se bem e ajudando-se em caso de necessidade; no entanto, dificilmente se poderia dizer que são amigos [...]” (EN, VIII, 1158 a, 5).

Aristóteles nos recorda que a benevolência pode haver até entre pessoas que nunca vimos, afirmando assim, a distinção para com a amizade, já que esta é uma relação de reciprocidade. Contudo, o amor é um sentimento ou uma afeição recíproca entre as pessoas. E “[...] quando recíproca a benevolência, torna-se amizade” (EN, VIII, 1155 b, 30).

A benevolência, segundo o estagirita (EN, IX, 1167a, 15-20), “[...] surge em virtude de alguma excelência ou mérito, quando um homem parece ao outro, belo, bravo ou algo de semelhante, como fizemos ver no caso dos adversários numa competição”. De igual modo que a benevolência faz somente o que é justo e do modo que não é possível que as pessoas sejam amigas se não sentirem benevolência uma para com a outra.

Entretanto, a benevolência pode ser caracterizada como um início de amizade, assim como o prazer dos olhos é o início do amor. Portanto, ninguém ama se não tiver deleitado de um início com a estrutura do ser amado (EN, IX, 1167a, 5). Assim podemos querer bem a outro, contudo ter uma boa vontade pode haver até com as pessoas que nunca tínhamos visto. Desse modo, Aristóteles conclui que:

[...] por uma extensão do termo amizade, poder-se-ia dizer que a benevolência é uma amizade é uma amizade inativa, se bem que passe a ser amizade verdadeira quando prolonga e chega ao ponto de intimidade. Não se trata aqui, porém, da amizade baseada na utilidade nem da que tem por objetivo o prazer, pois tampouco a benevolência surge, em tais condições (EN, IX, 1167^a, 10-15).

A benevolência, então, pode ser uma ampliação da amizade, pois a existência de amizade requer um tempo e intimidade, assim tudo isso não vai se tratar de amizade recíproca. Contudo, quando desejo fazer o bem no interesse do outro, esse bem não tem uma reciprocidade. Podemos atribuir à benevolência, e não na amizade. Consequentemente, a virtude da amizade, porém, não é apenas uma virtude individual das pessoas, mas uma virtude política que é de fundamental importância para uma vida virtuosa na comunidade.

Nessa situação, a amizade virtuosa é a busca da boa convivência em uma comunidade, do modo que ela conduz a uma reciprocidade mútua que detém uma constante atualização da virtude da amizade, isto sendo guiado para o caminho de uma vida feliz, porque as pessoas que tem essa virtude irão conseguir viver bem e de forma virtuosa (EN, IX, 1166a).

Aristóteles conceitua a amizade como uma virtude, pois com os amigos as pessoas compartilham as conquistas, os fracassos, as dificuldades e também a prosperidade. Assim, concluímos dizendo que a virtude é um caminho que o indivíduo percorre para se alcançar um modo de vida virtuosa na comunidade, tendo em mente que tudo isso é um processo, pois com hábito de praticar a virtude em vista da amizade conseguirá possuí-la ao decorrer do tempo, por que assim seria um "homem virtuoso" para a comunidade (EN, VIII, 1155a).

Desta forma, pode-se compreender que a benevolência vem no sentido de mostrar a justiça, trazendo consigo as mais belas das representações, no qual, segundo o filósofo, encontra-se próximo do que imaginamos ser uma amizade verdadeira. Entretanto, para que isso ocorra é de suma importância que ocorra um sentimento recíproco entre os indivíduos.

Portanto, a benevolência pode ser definida como uma amizade inativa, chegando até mesmo em uma amizade verdadeira se prolongada a sua intimidade, pois esta amizade inativa se dá pelo fato de ter características de uma amizade verdadeira, porém não há um comprometimento direto com o outro.

3 OS CAMINHOS PARA A EUDAIMONIA

Aristóteles, em sua busca, dedicou-se à construção de produções filosóficas e científicas, dentre elas encontra-se a obra “Ética a Nicômaco”. Ao escrever sobre a temática, Aristóteles apresenta a amizade com um caráter sociopolítico, discutindo questões do tipo: como conviver em harmonia na sociedade? Qual a contribuição da amizade para a harmonia em sociedade?.

A temática estudada é muito debatido e defendido por Aristóteles, e tal tema vem gerando reflexões desde a antiguidade. Na obra “Ética a Nicômaco”, especificamente nos livros VIII e IX, o estagirita aponta amizade como um caráter humano e sendo ela uma virtude sumamente necessária à vida, haja vista, que sem amigos ninguém escolheria viver mesmo que tivesse outros bens. Esse motivo, é que dá sentido à ética dada por Aristóteles em seu livro.

Aristóteles trata o tema com muita sabedoria filosófica, ao alcance de todos. Assim, ele aborda a amizade como uma virtude de grande significado para o homem, trazendo ao leitor o seu conceito como uma virtude imprescindível para o contentamento, haja vista que a felicidade, na sua realização plena das virtudes intelectuais e morais, é uma atividade que está sempre em movimento, buscando continuamente a harmonia e o equilíbrio.

O homem vive se perguntando qual a direção ou o caminho para a felicidade. Este questionamento passa a ser intenso quando o mesmo encontra-se inserido em momentos de angustia e aflição. Segundo Aristóteles (2001, p.33), a amizade é tecida por duas orientações: o *logos* e a natureza (*physis*). O *logos*, que se manifesta no ideal do bem e da virtude como fim da amizade e a natureza, se manifesta na disposição natural, na afetividade.

O pensamento de Aristóteles é a compreensão da base de um caminho para a razão, e a obra “Ética a Nicômaco” tem como objetivo compreender os conceitos de suas reflexões filosóficas sobre amizade, e assim a amizade se apresenta como uma força que transforma e conduz a felicidade. Entretanto, o ponto de vista dado por Aristóteles mostra o ser humano como o responsável por buscar a felicidade, sendo que o mesmo traça o caminho a ser percorrido. Diante deste contexto, este capítulo busca comprovar as linhas aristotélicas do homem, trazendo toda a trajetória sobre a visão filosófica da humanidade aliada à divina.

Em vista disto, podemos observar em Aristóteles, quando o filósofo relata sobre a função do homem, no qual sempre busca fazer o melhor, algo que vai além da dimensão da alma, tendo como base a capacidade da razão. Assim, para Aristóteles, o homem tem a atividade racional como uma função determinada. Vale a pena destacar que cada ser humano possui características diferentes, o que o torna único, onde uns possuem o dom da virtuosidade de forma mais presente que o outro.

3.1 O homem para Aristóteles

Este tópico traz como foco da pesquisa a definição do homem para Aristóteles. O filósofo refere-se ao homem como um ser possuidor de um valor no universo. Aristóteles nos remete muitos questionamentos sobre o homem. Do ponto de vista filosófico, falar da natureza humana, significa falar da essência do homem. Não há consenso sobre o que vem a ser essa essência, embora haja concordância de que ela existe e é o que diferencia o ser humano dos demais seres do universo. Responder o que na verdade constitui a essencialidade do homem é perceber um número relativamente amplo de respostas.

Desta forma percebe-se a formação do homem como o único ser que possui alma e espírito, possui a liberdade de expressão, assim como vive de acordo com seus anseios e desejos. Diante de tamanhas características humanas podemos ainda enfatizar sobre o seu poder de inteligência e sentimentos os quais são controlados por si. Não podemos deixar de relatar sobre a linguagem administrada, o qual vai de acordo com o ambiente em que se está inserido.

O homem é o único ser que tem consciência de sua finitude. Sabe que sua vida tem começo, meio e fim, ou seja, é um ser a par da morte. Portanto, ele não se satisfaz com o que é ou com aquilo que possui.

De acordo com os pensamentos e concepções aristotélicas, o homem é concebido como um ser racional e tem função social, desejos e decisões que impõem aos seus atos. Baseado nesta perspectiva entre a metafísica e a ética, podemos compreender a definição do homem dada por Aristóteles.

Corroborando com este mesmo pensamento, Porchat (2001), ao analisar o homem na concepção de Aristóteles, declara que seus princípios são inatos, entretanto, ao mesmo tempo, buscam argumentos junto às cadeias silogísticas.

Percebe-se ainda a forma do homem como ser aplausível considerando a sua forma anterior, que servirá sempre para outras predicções sobre a humanidade. Diante deste contexto, Lara (2009, p.27) destaca que, segundo o pensamento de Aristóteles, a definição do homem,

Considerando a alma como princípio vital do corpo, determina que a potencialidade da razão não está nem na parte vegetativa, nem na parte sensitiva, mas sim na parte racional. Uma vez que, os predicados da alma são: razão, emoção, imaginação, liberdade, desejo e julgamento, atingir a finalidade da alma é chegar ao pleno desenvolvimento da razão, ou seja, ao desenvolver de toda a potencialidade a capacidade ao máximo possível, a atualização de maneira completa, no que há de melhor. E a razão se desenvolve por meio das virtudes.

Entretanto, o homem nasce com a alma limpa de acordo com a sua criação e a performance para sua personalidade é um potencial desenvolvido através dos hábitos. Diante das linhas aristotélicas é possível compreender o homem como um ser em equilíbrio, onde o mesmo é o responsável pelas práticas dos bons atos e das virtudes, tornando-o mais feliz, assim como um ser diferenciado dos demais.

Segundo nosso filósofo (2001, p. 34), “O bem para o homem vem a ser o exercício ativo das faculdades da alma de conformidade com excelência, de conformidade com a melhor e mais completa entre elas”. A felicidade é algo que faz parte de nós, está dentro do nosso ser. Aristóteles ainda complementa que:

Devemos conduzir nossa investigação sobre a felicidade levando em conta as conclusões a que chegamos partindo de nossas premissas, mas devemos igualmente considerar o que se diz em geral sobre ela; com uma visão realista, todos os dados se concatenam, mas com uma visão falsa os fatos colidem (ARISTÓTELES, 2001, p. 44).

Pode-se considerar o homem como o único ser racional, assim como político. Contudo, a felicidade o envolve de acordo com sua consciência diante da sociedade. Quando Aristóteles fala em um ser humano racional, o mesmo chama a atenção de seus leitores, sobre a parte intelectual, a forma de agir do homem, o que o diferencia dos outros seres existentes.

Como já mencionado anteriormente, observa-se o ser humano, com um ser que compreende e põe em prática ações derivadas de sua razão, no qual acaba o

conduzindo a ir em busca de sua felicidade. Desta forma, a cada conquista de sua meta, há uma ação de felicidade, ou seja, o ser humano tem a capacidade de raciocinar, de planejar e de ir em busca de suas metas, de ir até o fim. Quando realizado as etapas de seus objetivos é percebível ao que demonstra e se expande ao seu meio de contemplação de felicidade.

3.2 As virtudes que nos levam à felicidade

Neste tópico abordaremos sobre o teor da virtude, haja vista que virtude e felicidade andam conectadas e ambas buscam a mesma finalidade. Este entendimento pode ser encontrado dentro da obra “Ética a Nicômaco”, onde Aristóteles traz a ética como uma ciência do agir humano. Eis, então, a importância da virtude para a consolidação da felicidade. Com isso, a prática da virtude da amizade que conduz o ser humano para a felicidade, tem como sentido real o amor. Todavia, a amizade que é fundamentada no interesse pessoal para satisfazer o seu próprio prazer, não conduzirá o indivíduo à felicidade e terá como consequência amizades que serão fáceis de serem rompidas e não mais produzirão felicidade completa.

Diante deste contexto, Silveira (2000, p. 84) afirma que, as virtudes estão relacionadas aos costumes. Entretanto, quando compartilhados momentos e atos justos, os seres humanos tornam-se mais justos, e, desta forma, passam a obter a virtude, contribuindo para atos, adquirindo desta forma a coragem. Este entendimento também é compartilhado por Aristóteles, quando o filósofo declara que as virtudes éticas se aprendem da mesma forma que aprendemos as diferentes artes, sendo que a mesma está relacionada com os hábitos. Entretanto, para que possamos viver a virtuosidade é necessário que sejamos justos.

Segundo Aristóteles, a virtude é dividida em duas partes, a intelectual e a moral. Assim, Aristóteles traz a virtude intelectual como algo que requer experiência e tempo. No entanto, a virtude moral é tida como aquela em que o indivíduo adquire, haja vista que a mesma é resultado do hábito. Para uma melhor compreensão Aristóteles ainda define que a virtude moral vai ao contrário da sua natureza (EN, II, 1103a, 15-20).

[...] duas espécies, a intelectual e a moral, a primeira por via de regra, é gerada e cresce graças ao ensino, por isso requer experiência e tempo, enquanto a virtude moral é adquirida em resultado do hábito, donde ter-se formado o seu nome por uma pequena modificação das palavras. Por tudo isso, evidenciasse também que nenhuma das virtudes morais surge em nós por natureza, com efeito, nada do que existe naturalmente pode formar um hábito contrário à sua natureza.

Diante do pensamento aristotélico, percebe-se que a virtude não se condiz com a natureza, pois o hábito não pode ser alterado pela a sua natureza, e a virtude depende tanto da moral quanto do hábito. De acordo com Lara (2009, p. 28), a felicidade é o ato da alma segundo a virtude, com base no princípio da virtude humana, que é uma virtude da alma. Em virtude disto, percebe-se a relação entre as virtudes para que o indivíduo possa alcançar o sentimento de felicidade, onde há uma estrutura entre as atividades da alma, haja vista que são essencialmente distintas e as virtudes em cujo exercício se fazem presentes.

A felicidade é sujeita à mudança. Sendo desta forma, alguém que pode ser feliz ou não, e pode tratar a amizade como só por um prazer pelo qual a pessoa pode proporcionar ao outro, entretanto, não gera uma amizade que possa conduzir a uma vida feliz. Beni (2014, p. 34) conclui que:

As diferentes virtudes constituem um meio-termo razoável entre duas posições extremas, por conseguinte a moderação constitui o meio termo entre o desengreno e um rigor excessivamente repressivo ou insensível ao prazer. Aristóteles se desmarca de Platão e Sócrates ao afirmar que a felicidade depende da virtude e admite que ao ter um maior grau de conhecimento a eleição seria mais correta, ou seja, virtude e razão se juntam para tornar o homem feliz.

Diante desta perspectiva, Aristóteles (2001, p. 70), destaca que o indivíduo feliz é aquele que age de acordo com a virtude, pensando na felicidade de uma pessoa. Percebe-se que o desejo de tornar as pessoas em indivíduos bons em virtude humana, traz benefício a curto prazo pois a felicidade que buscamos como seres humanos não significa exclusividade do corpo, mas sim da alma. Agora entendemos a felicidade como uma atividade da alma.

O motivo de a amizade parecer ser um desejar o bem ao outro demonstrando o bem querer ou desejar o bem em prol da amizade que vai conduzido o indivíduo para uma vida feliz. No entanto, para que possa realmente ocorrer a amizade é

necessário unir o útil ao agradável, sendo assim possuído as três características fundamentais para a efetivação das virtudes. Diante deste contexto Wolf (2010, p. 227) define que:

Em relação às amizades em virtude do útil e do prazer não são condizentes afirmar que se deseja o bem ao amigo por causa dele mesmo. Por isso, Aristóteles afirma que as pessoas que gostam umas das outras por causa do ganho que elas têm pela utilidade e pelo prazer mútuo são amigas apenas em sentido accidental, não gostam do outro em virtude do fato de ele ser quem é. Assim para Aristóteles, na amizade por causa do útil e do agradável trata-se de formas secundárias de amizade. (WOLF, 2010, p. 227).

Entretanto, o caminho da felicidade perfeita pode estar associado a direção em que está sendo conduzida a amizade. Vale a pena destacar que a amizade só será possível se ambas as partes tiverem o mesmo objetivo de parceria. Não ocorrendo, não podemos chama essa amizade de feliz, pois não conduz o indivíduo à felicidade. Sendo isso a amizade pode acabar se rompendo.

O estagirita evidencia a existência de duas formas de virtudes que são a intelectual e moral, a primeira é decorrente do ensino, em razão do que depende de tempo e experiência, já a virtude moral depende do hábito. Dessa forma, é notório, portanto que nenhuma das virtudes se constitui em nós por natureza, pois nada que existe por natureza pode ser alterado pelo hábito.

A virtude pode ser adquirida pelo processo de habituação prática em vista do bem. Podemos dizer que ela não é gerada na pessoa humana pela própria natureza, mas é constituída pelo modo de agir. Portanto, as pessoas tornam-se virtuosas com a prática de suas próprias ações (JÚNIOR, 2012, p. 64).

Dessa maneira, a amizade se torna uma virtude a partir do momento que a pessoa se coloca a praticar as virtudes, que são adquiridas pelos seus hábitos humanos para fazer o bem. Como já vimos, a virtude encontra-se ligada à felicidade. Todavia, a felicidade é estável, haja vista que sua essência está relacionada à existência da alma. Ademais, percebe-se ainda que a felicidade, é algo individual e que está conectada ao caráter, está nas ações que cada um faz, pois cada ser humano é o responsável pela sua felicidade.

Mas quanto ao que é a felicidade a matéria é polêmica, e o que entende por ela a multidão não corresponde ao entendimento do sábio e sua avaliação. As pessoas ordinárias a identificam com algum bem claro e visível, como o prazer, ou a riqueza ou a honra, fazendo diferentes comentários entre si; com muita frequência, o mesmo indivíduo refere-se a itens distintos quanto a ela: quando fica doente, pensa ser a saúde a felicidade; quando é pobre, julga ser a riqueza. Quando conscientes de sua própria ignorância, os [indivíduos comuns] admiram aqueles que propõem algo grandioso que ultrapassa a compreensão deles. De fato, alguns pensam que ao lado das muitas coisas boas indicadas há um outro bem, bem em função de si mesmo, que é a causa de serem bons todos aqueles bens (BINI, 2014. p. 49).

Desta forma, percebe-se que a virtude pode ser adquirida pelo processo de habituação prática em vista do bem, podemos dizer que ela não é gerada na pessoa humana pela própria natureza, mas é constituída pelo modo de agir. Portanto, as pessoas tornam-se virtuosas com a prática de suas próprias ações. Dessa maneira, a amizade se torna uma virtude a partir do momento que a pessoa se coloca a praticar as virtudes, que são adquiridas pelos seus hábitos humanos para fazer o bem (JÚNIOR, 2012, p. 82).

3.3 A felicidade como contemplação

É possível encontrar no décimo livro da “Ética a Nicômaco” definições em que a felicidade é apresentada como perfeita. Ela encontra-se relacionada à atividade de contemplação, e a mesma é tida como uma das mais elevadas virtudes, haja vista que a mesma traz grandes admirações da humanidade.

Segundo Silva (2017, p. 37), “nossa capacidade de contemplação excede a nossa faculdade de execução de qualquer ação”. Ou seja, quando vivemos de acordo com nossa realidade, transmitido e praticando o bem, estamos a viver contemplando a felicidade.

Muitos acabam se perguntando: porque contemplar a felicidade? Ou até mesmo, porque viver de forma correta? Diante das indagações, percebe-se que para que possamos contemplar a felicidade é necessário que o ser humano haja com racionalidade, maturidade, agindo de maneira nobre. Desta forma, entende-se que a felicidade encontra-se relacionada ao saber do homem. É necessário, portanto, ter sabedoria para que se possa propor ações virtuosas, no qual acabam que chegando

à racionalidade da alma. Desta forma, para Aristóteles, o indivíduo passa a compreender o que é a contemplação. Segundo Silva (2017, p. 38),

A felicidade é a coisa aprazível do mundo, e é perfeita em uma vida contemplativa. Aristóteles pede que pensemos no fato de que os deuses são felizes, sabemos que eles não fazem nem um ato injusto, porque não é de sua natureza. Assim, chega à conclusão de que os atos dos deuses são contemplativos, e dessa contemplação deriva a felicidade.

Diante da afirmativa dada pelo o autor, percebe-se que Aristóteles defende que quanto maior for a profundidade da contemplação, mais intensa será a felicidade. Entretanto, até onde vai esta contemplação? Como poderíamos contemplar e obter felicidade? São questionamentos que nos fazemos, no qual nem sempre é possível obter respostas. Diante dos questionamentos apontados, Aristóteles complementa como ser feliz o indivíduo em que há necessidade de complementos básicos, no qual podemos destacar: saúde e a alimentação.

Como já mencionado anteriormente, sabemos que nossa felicidade não depende exclusivamente de cada um, e sim de todos que nos cercam. Entretanto, não é necessário obtém algum em excesso para que possamos contemplar a felicidade. Desta forma, voltamos ao tempo de nossos avós, quando relatam que não é necessário de muita coisa para ser feliz, não sabem eles que suas simples e pequena frases tem um grande significado para a humanidade, haja vista que não é fundamental ter muito para conquistar nossas realizações.

Para Aristóteles (2015, p. 124), “o homem verdadeiramente feliz não será nem rico nem pobre, porque para fazer o bem basta pouco”. Por essa razão, percebe-se o quanto é simples contemplar a felicidade, pois se pode observar que ações nobres causam sentimentos de felicidade.

Desta forma, pode-se observar que a contemplação também é algo autossuficiente e que o homem encontra na sua consciência a decisão de contemplar, no qual não há necessariamente a ajuda do outro. Podemos compreender a relação do filósofo com o caminho da felicidade, onde o mesmo possui a capacidade de entender o real significado de contemplação, dando ênfase as virtudes que possui e a sua importância para a qualidade da vida do homem.

4 AMIZADE E AMOR

É possível encontrar nas rodas de amizades, depoimentos e situações em que os amigos juram amizades eternas. Todavia, para que isso ocorra é necessário que haja muita compreensão, dedicação e a existência do amor. Amar o próximo, esta é a fórmula, pois quando amamos compreendemos que todos somos diferentes, e não existe um interesse pessoal, dado que a felicidade do próximo também é nossa felicidade.

A amizade quando verdadeira não pode ser interrompida mesmo diante de situações em que ocorre o interesse. Isso só acontece quando a pessoa não ama o outro por si mesmo, mais a vista de seus interesses, pois suas qualidades não são duradoras. Portanto, antes de conhecer os tipos de amizade é essencial ter um esclarecimento sobre o objeto do amor, assim fazemos uma distinção entre amor, amizade.

Diante deste contexto, é possível encontrar nos estudos de UTZ (2009, p. 36), no qual “Aristóteles discute se o amor é provocado por aquilo que é bom em si mesmo ou por aquilo que é bom para o amante, e chega à conclusão que o último seja o caso”. Diante do ponto de vista do autor, é possível amar mesmo que este amor não seja correspondido. De fato, isto faz sentido pois podemos amar um objeto mesmo que este não tenha vida e desta forma não pode manifestar o sentimento do amor.

Corroborando com Aristóteles, Lara (2009, p. 46) enfatiza que “muitos julgam o amor como sentimento maior, mas Aristóteles considera a amizade mais forte e completa do que o amor”. Dessa maneira, percebe-se que a amizade verdadeira só ocorre entre pessoas que praticam o bem. Porém, o amor ocorre quando praticado dentro da amizade, o mesmo passa a ser uma atitude de hábitos, onde sua prática diária atribui-se ao sentimento do amor. Com efeito, o tipo de amizade mais importante é a amizade perfeita. A durabilidade e a bondade são os fundamentos para este tipo de amizade. Como afirma Aristóteles (EN, VIII, 115b, 5):

A amizade perfeita é aquela que existe entre os homens que são bons e semelhantes na virtude, pois tais pessoas desejam o bem um ao outro de modo idêntico, e são bons em si mesmos. Dessa forma, aqueles que desejam o bem aos seus amigos, por eles mesmos, são amigos no sentido mais próprio, porque o fazem em razão da sua própria natureza e não por acidente.

Está certo enaltecer as pessoas as quais possui a amizade perfeita. Elas a possuem por serem boas e a bondade é duradoura em si mesma. Assim, esta espécie de amizade só acontece entre as pessoas boas e por isso ela durará enquanto os homens forem bons. Francisco Ortega (2002, p. 40) mostra que a amizade perfeita “é um fim em si mesmo e não um meio para atingir algum fim, como no caso das amizades baseadas no agradável ou na utilidade”. Portanto, nesta espécie de amizade se ama pelo que a pessoa é, por causa da sua essência, e não pelo que ela é capaz de proporcionar ao outro. Observa-se que a amizade não é somente um fim, mas o início da felicidade.

O autor da *Ética a Nicômaco* confirma, contudo, que entre amigos não há necessidade da existência da justiça. Com efeito, entre a amizade virtuosa ou amizade perfeita não há espaço para a injustiça já que o verdadeiro amigo é considerado outro “eu” e este lhe proporciona felicidade.

Ao analisar a situação social da polis percebe-se que o objetivo da “*Ética a Nicômaco*” é levar o homem ao estágio de felicidade. Assim, nos recorda Lara (2009, p. 44) que, para Aristóteles, o bem do homem, ou seja, a felicidade só pode ser realizada na polis, e, para David Kanstan (2005, p. 101), “as relações políticas são aquelas entre concidadãos”.

Reportemos ao pensamento aristotélico para saber se o homem feliz precisa ou não de amigos. A amizade virtuosa é fundamentada na sabedoria racional, assim, chega-se a uma conclusão afirmada pelo próprio autor de que “mesmo o homem bom deverá viver em companhia de outros, visto possuir ele as coisas que são boas por natureza” (EN, IX, 1169b, 15).

O filósofo em estudo afirma, portanto, que “a felicidade é uma atividade, e a atividade, obviamente, é algo que se faz e que não está presente desde o início como algo que nos pertencesse” (EN. IX, 1169b, 25). De fato, a felicidade se constrói ao longo de um percurso, passando inclusive pela amizade que é uma virtude perfeita para a atividade da felicidade.

4.1 A diferença entre amor e amizade

Como já apontado anteriormente, o amor encontra-se relacionado à amizade. Porém, só ocorre quando uma amizade for verdadeira. Desta forma, este tópico busca

apresenta sobre as diferenças, as quais abrangem dois sentimentos, a saber, os puros e os fortes, onde é essencial para a boa convivência na sociedade. Desta forma, podemos perceber que quando ocorre a amizade verdadeira, ali também existe o amor, haja vista que para Aristóteles amar é mais que ser amado, ainda mais quando há um sentimento recíproco, o qual a reciprocidade é tida como um alicerce tornando-a duradoura. O amor é como se fosse a dinamicidade, e o ser amado equiparar-se à passividade, e o amor e os seus coincidentes são os atributos dos mais ativos dentre os homens (EN, IX, 1168a, 20).

Conforme se observa, podemos afirmar que a amizade ocorre por meio da troca, no qual existe um sentimento recíproco, onde é preciso que haja o amor, o respeito, o companheirismo, sentimentos estes que devem ocorrer diante de ambas as partes. Diante desta perspectiva Aristóteles apresenta a seguinte diferença existente entre amor e amizade.

O amor é um sentimento e a amizade é uma disposição de caráter; pensa-se que o homem feliz deve ter uma vida aprazível. Ora, se ele vivesse como um solitário a existência lhe seria dura, pois não é fácil a quem está sozinho desenvolver uma atividade contínua; mas com outros e visando aos outros isso é mais fácil. [...] para ser feliz o homem necessita, portanto, de amigos virtuosos, assim se entende porque a afeição pode ser experimentada inclusive por coisas inanimadas, enquanto a reciprocidade do amor envolve prévia escolha e está nasce de uma disposição. Ademais, quando as pessoas desejam o bem de quem amam no interesse de quem amam, seu amor não está subordinado a uma emoção ou paixão, mas a uma disposição. E ao amar o amigo amam seu próprio bem, pois o indivíduo bom ao se tornar amigo de outro converte-se no bem desse outro. Cada um, portanto, tanto ama seu próprio bem quanto realiza um retorno equivalente em benevolência em prol do outro, e por lhe propiciar prazer; com efeito, se diz que amizade é igualdade, o que, sobretudo, se constata nas amizades dos bons (EN, VIII, 1157b, 25-30).

Diante da citação de Aristóteles, percebe-se que o amor ocorre por meio de uma afeição, onde o mesmo deve estar conectado com a amizade, entretanto o amor e a amizade uma relação onde deve haver resposta. Podemos encontrar em

Rocha (2009, p. 87) que “Aristóteles acentua a arte de amar como uma virtude dos amigos, tendo em vista que a amizade se firma mais na ação do amor que no ser amado, assim, compreendendo que só os que amam na medida justa, são visto como amigos”.

4.2 Amizade e Virtude

Diante de todo estudo realizado, percebemos fatores importantes no qual podemos destacar como essenciais para a busca da felicidade. Entretanto, percebesse ainda que as virtudes pertencem à relação humana, na integridade de sua prática para o bem e em vista da felicidade para uma comunidade, dado que o processo de realização das virtudes se concretiza na relação da existência com o outro na comunidade. Portanto, se não existissem as relações humanas, as virtudes não teriam qualquer sentido. Entretanto, a virtude da amizade não é apenas uma virtude individual das pessoas, mas uma virtude política que é de fundamental importância para uma vida virtuosa na comunidade. Nessa situação a amizade virtuosa é a busca da boa convivência em uma comunidade, do modo que ela conduz uma reciprocidade mútua que detém uma constante atualização da virtude da amizade, isto sendo guiado para o caminho de uma vida feliz, porque as pessoas que tem essa virtude irão conseguir viver bem de forma virtuosa (EN, IX, 1166a).

Aristóteles apresenta o percurso para compreender a relação da amizade junto à felicidade. Pode-se citar, como exemplo a justiça e a situação social da *polis*, ou seja, a amizade política. Sendo que a justiça, segundo o Estagirita, é considerada a mais autêntica forma de amizade (EN, I, 1155a), e Lara (2009, p. 71) deixa claro que, “a prática das virtudes nos conduz à felicidade e que não há felicidade sem justiça, se não há justiça não há amizade, pois as pessoas amigas são boas e justas”.

Desta forma, Aristóteles conceitua a amizade como uma virtude, pois com os amigos as pessoas compartilham as conquistas, os fracassos, as dificuldades e também a prosperidade. Assim, concluímos dizendo que a virtude é um caminho que o indivíduo percorre para se alcançar um modo de vida virtuosa na comunidade, tendo em mente que tudo isso é um processo, pois com hábito de praticar a virtude em vista da amizade conseguirá possuí-la ao decorrer do tempo, porque assim seria um “homem virtuoso” para a comunidade (EN, VIII, 1155a).

A virtude tem a função de elevar o homem à felicidade a partir de seu princípio racional. Pois o que se espera de um homem virtuoso que coloca a sua racionalidade em prática é que ele seja amigo da felicidade. Para tanto, o homem não deve tender nem ao excesso nem a faltar permanecendo assim ao meio-termo.

Eis o exemplo que caracteriza o meio-termo:

Pode-se sentir tanto o medo, a confiança, o apetite, a cólera, a compaixão, e de uma forma feral o prazer e o sofrimento, em excesso ou em grau insuficiente; e em ambos os casos, isso é um mal. Mas senti-lo no momento certo, em relação aos objetos e às pessoas certas, e pelo motivo e da maneira certa, nisso consistem o meio-termo e a excelência característicos da virtude (EN, II, 1106b, 20).

O meio-termo significa a igualdade entre ambas as partes, ou seja, entre o excesso e a falta. Observa-se que “os impulsos, as paixões e os sentimentos, tendem ao excesso ou à falta, é então que a razão entra em ação aplicando a justa medida, que é a mediania” (REALE, 1990, p. 205) entre os dois excessos. Depois do percurso feito a respeito da amizade e da virtude, reportamos a Aristóteles para analisar as três formas de amizade. A priori, analisaremos a distinção Aristotélica de amor, amizade e benevolência, pois faz-se necessário para a compreensão da concepção das espécies de amizade na “Ética a Nicômaco”. O amor e a benevolência são as virtudes que mais se parecem com a amizade. Contudo, Aristóteles (EN, VIII, 1157b, 30) faz a distinção entre amor e benevolência para com amizade. “O amor é um sentimento e a amizade é uma disposição de caráter”.

Diante deste contexto, Aristóteles acredita que, para que possa ocorrer a amizade, antes de mais nada é necessário que exista a virtude, haja vista que a mesma é responsável pelas as ações desempenhadas pelo o homem, ou seja, pelos seus hábitos que conseqüentemente geram sua prática diária. Após a correlação entre amizade e virtude do homem, onde ambas as partes tenham o mesmo objetivo, ocorre a consolidação da amizade.

De igual modo a amizade, que podemos alcançar praticando atos bons um ao outro, de forma que ela é uma das virtudes constantes e duráveis, capaz de ajudar as pessoas a praticar atos virtuosos na comunidade. Portanto, as atividades para a prática das virtudes dependem muito de uma organização da comunidade, do modo como os indivíduos consigam desenvolver atos virtuosos (JUNIOR, 2012, p. 59).

Entretanto, por meio da vida virtuosa, é possível que indivíduo alcance a tão desejada felicidade, o qual o mesmo deve estar firmado pela razão. Porém um indivíduo só poderá ser virtuoso quando passar a praticar ações que estejam relacionadas a atos da virtuosidade. Um indivíduo não conseguirá praticar a virtuosidade sem que tenha um amigo para que o mesmo possa pôr em prática a

amizade-virtuosa. Podemos considerar que a amizade tem uma relação com várias outras virtudes, pois se trata de uma relação efetiva entre elas por natureza. E essa relação é que favorece o viver bem na comunidade, e, sobretudo, porque ela possibilita a união entre as pessoas na comunidade.

Em conformidade com que nos propusemos no objetivo geral, foi feita uma pesquisa da compreensão de amizade a partir do pensamento de Aristóteles em sua obra "Ética a Nicômaco". Fazendo uma análise sobre os três níveis de amizade, chegamos à conclusão de que existe a amizade virtuosa que impulsiona o homem viver bem na comunidade. Não obstante, para as pessoas viverem uma vida boa na comunidade, com base no pensamento aristotélico, é necessário serem virtuosos, pois esse nível de amizade só é viável entre homens bons.

As virtudes, para Aristóteles, têm o papel de alcançar a felicidade humana e o bem-estar sob a perspectiva da liberdade e ações práticas na vida da comunidade. Por isso, as virtudes tendem para o bem do homem e para a boa ordem social. A atividade social, com a prática das virtudes, compreende-se a partir da permanência do homem virtuoso na comunidade e seu bem viver como busca da felicidade. Estas ações, por sua vez, levam a comunidade política a ser bem ordenada, visto que as ações dos homens levam à prática das virtudes

Notamos que as virtudes ocorrem de acordo com a distinção da organização da sociedade e elas podem levar a bondade e a felicidade para relações humanas na comunidade. Segundo Junior (2012, p. 100), "o justo produz e salvaguarda a felicidade para si e para a comunidade". Entretanto a amizade tem um grande valor em uma comunidade, porque com essa virtude a relação das pessoas se tornará mais harmoniosa e virtuosa, tudo isso de forma justa, pois, é a amizade que levar o indivíduo ao caminho da vida boa, através da justiça. Diante deste contexto, Aristóteles aponta que:

Todos os homens entendem por justiça aquela disposição de caráter que torna as pessoas propensas a fazer o que é justo, que as faz agir justamente e desejar o que é justo, e, do mesmo modo, por injustiça se entende a disposição que leva a agir injustamente e a desejar o que é injusto (EN, V, 1129a, 5-10).

Dessa maneira, a justiça conduz o amigo a praticar atos justos, sendo que a amizade por si só encaminha também para a justiça, de modo que chamamos justos

aqueles que geram e guardam a felicidade para a vida em comunidade (EN, 1129b, 15-20). Mas é preciso que uma sociedade de modo geral zeie com maior cuidado pela amizade, pois é através dela que podemos garantir uma forma de justiça válida. O caráter justo de uma pessoa se manifesta fundamentalmente em ações justas (WOLF, 2010). Aristóteles concorda, portanto, em elencar a justiça como uma das principais virtudes:

A justiça é, portanto, uma virtude completa, porém não em absoluto e sim em relação ao nosso próximo. Por isso, a justiça é muitas vezes considerada a maior das virtudes, e, provavelmente, na justiça estão compreendidas todas as virtudes. E por isso ela é a virtude completa no pleno sentido do termo, por ser o exercício atual da virtude completa. É completa porque aquele que a possui pode exercer sua virtude não só sobre si mesmo, mas também sobre o próximo (EN, 1129b, 25-30).

Ao caracterizar a justiça como uma virtude completa, é importante perceber que ela está estreitamente relacionada com a amizade, pelo fato de que, aqueles que detêm essas duas virtudes, operam com suas dádivas não apenas sobre si mesmos, mas também com outros. Portanto, não é só a justiça que visa ao outro, também a amizade, que visa exclusivamente à relação com o outro a fim de viverem virtuosamente na comunidade. Por isso, o autor da "Ética a Nicômaco" considera a amizade mais importante que a justiça, e, ao mesmo tempo, necessária, pois quem possui a amizade tem mais chances de ser conduzido à justiça.

Na relação de comunidade, que compreende o sentido de ser justo com os outros, e simultaneamente, a importância da partilha, percebemos que amizade e a justiça estão simultaneamente próximas. Em suma, não podemos ser amigos sem praticar a justiça, pois estaríamos restringindo a justiça ao eu e excluindo dela o outro. Aristóteles acrescenta:

Somente a justiça, entre todas as virtudes, é o "bem do outro", visto que se relaciona com o nosso próximo, fazendo o que é vantajoso a um outro seja um governante, seja um associado. Ora, o pior dos homens é aquele que exerce a sua maldade tanto para consigo mesmo como para seus amigos, e o melhor não é o que exerce a sua virtude para consigo mesmo, mas para com outro, pois que difícil tarefa é essa (EN, V, 1130a, 5).

Visto que o Estagirita pensa em justiça como algo para o outro, a vantagem virtuosa de um ato justo deve ser para a outra pessoa e não para si próprio. Sob tais condições, a boa justiça é aquela que direciona a um trabalho difícil, no entanto, a justiça é vista como uma virtude por excelência.

Desta forma, é visto que a amizade é um componente muito importante para a vida do homem e da mulher em sociedade, porque vai se basear no que o outro é, propiciando uma convivência entre eles, estendendo o exercício da justiça e da vida virtuosa na comunidade. Entretanto, os indivíduos de uma comunidade sempre se relacionam através da amizade e da justiça, de forma que ambas levarão as pessoas a caminharem para a felicidade, excluindo qualquer forma de prazer desordenado, porque fazem opção pela virtude. Na amizade um fato muito importante é o diálogo, pois no início de uma relação de amizade as pessoas estão vulneráveis, e que faz sustentar um bom relacionamento é o ato da compreensão um do outro.

Desta forma, os amigos desejam serem entendidos no que falam e no que fazem, e é evidente que o amigo eficiente é capaz de perceber no outro, o que passa, especialmente se amizade for resultado de uma convivência mútua, visto que o amigo virtuoso sempre vai ajudar ao próximo procurar ser virtuoso, pois nessa relação ele pode ensinar o caminho da virtude ao outro e ver que os prazeres em muitos momentos não são bons.

5 CONCLUSÃO

Diante do estudo realizado, pode-se observar que Aristóteles consagra a amizade, como uma virtude, a qual é essencial para a existência da humanidade, assim como para a convivência da comunidade. Desta forma, foi ainda possível identificarmos que não existe um ser humano que consiga viver bem sem que esteja envolvido dentro de uma comunidade, ou seja, que não tenha nenhum laço de amizade, pois somos seres humanos e temos conosco a necessidade de dividir nossos sentimentos, seja de alegria, angústia, ou, até mesmo, de tristeza.

Após análise do estudo realizado, constatou-se que somente por meio da amizade virtuosa é possível conviver e partilhar dos mesmos planos, das mesmas alegrias, e da mesma tristeza, e que, por isso, a amizade deve ocorrer de forma recíproca. Entretanto, essa virtude é de primordial importância para a comunidade, ao modo que, a amizade conduz a pessoa para fazer atos justos e viver uma vida feliz, na relação com os outros e consigo mesmo para ser direcionada para uma vida virtuosa.

Diante do estudo realizado, verificou-se que, por meio do objetivo geral, foi feita uma pesquisa da compreensão de amizade a partir do pensamento de Aristóteles em sua obra "Ética a Nicômaco", da mesma foi feita uma análise sobre a amizade como o caminho para a felicidade, para que possamos viver em comunidade. Chegamos à conclusão de que existe a amizade virtuosa que impulsiona o homem viver bem na comunidade. Não obstante, para as pessoas viverem uma vida boa na comunidade, com base no pensamento aristotélico, é necessário serem virtuosos, pois, esse nível de amizade só é viável entre homens bons.

Baseado em todo no processo que utilizamos para o desenvolvimento desse trabalho, identificamos o comportamento do homem, no qual a cada dia que passa torna-se mais exigente. Essas concepções impactaram fielmente para que se busque uma amizade que seja verdadeira, que tenha como base o amor.

A conclusão alcançada, ao fim desta pesquisa é de entender o essencial valor da amizade na vida das pessoas nas comunidades e a importância dela para a sociedade, pois, na cidade onde os indivíduos são amigos, os legisladores não se preocupam com a lei. A amizade é a causa de felicidade, principalmente para as pessoas que possuem amigos verdadeiros, ou seja, pessoas virtuosas.

Espera-se, por meio desta pesquisa, que se possa desenvolver novas reflexões e análises que contribuam para a criação de ações, tendo em vista a concretização da amizade verdadeira, assim como ações voltadas para que todos possam viver em comunidade, espalhando o amor ao próximo. Este trabalho encontra-se aberto aos educadores e estudiosos da área para que sirva de base para outros estudos e outras pesquisas que venham a ser realizadas no campo da filosofia.

São Paulo: Nova Cultural, 2013.

_____. *Ética e Nicômaco*. Tradução de Mário Gomes Kury. 3 ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2007.

_____. *A ética*. Textos selecionados. 2 ed. Tradução e notas de Cassio M. Fonseca. São Paulo: Garama, 2010.

_____. *Ética e Nicômaco*. Trad. Leônir Vilela e José Gonçalves O. Pernambuco: Nova Cultural, São Paulo, 1997.

_____. *Ética e Nicômaco*. Tradução de Edson Bini. São Paulo: Editora, 2004.

BARNES, Jonathan (Org). *Aristóteles*. Tradução de Ricardo Augusto Pires Machado. Alameda, São Paulo: Idear e Letras, 2003.

BINI, Edson Bini. *Ética e Nicômaco*. São Paulo: Garama, 2008.

BRUNO, David. *A amizade no mundo clássico*. São Paulo: Garama, 2008.

_____. *Amizade e Virtude*. A amizade na *Ética* e *Nicômaco*. Dissertação (Mestrado em Filosofia), Centro de Humanidades, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2008.

CLAYTON, Agostinho. *Clayton Pessoa de*. A virtude da justiça no pensamento aristotélico. Petrópolis, 2000.

ORTIGA, Francisco. *Genealogias da Amizade*. São Paulo: Annablum, 2002.

PICOLINI, Rodrigo Antônio. As três formas de amizade na *ética* de Aristóteles. *Revista de UNILA*, Ano 4, n. 2, jul/dez 2004.

PORCHAT AGUIAR, Cecília. *Gênese e evolução da amizade*. São Paulo:

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, Nicola, 1901-1990. **Dicionário de Filosofia**. Tradução de Alfredo Bossi. 5 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. Tradução de José Américo Motta Pessanha. São Paulo: Nova Cultural, 2015.
- _____. **Ética a Nicômaco**. Tradução de Mário Gama Kury. 3 ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.
- _____. **A ética: Textos selecionados**. 3 ed. Tradução e notas de Cassio M. Fonseca. São Paulo: Edipro, 2019.
- _____. **Ética a Nicômaco**. Trad. Leonel Vallandro e Gred Bornheim. Os Pensadores; Nova Cultural., São Paulo; 1987.
- _____. **Ética a Nicômaco**. Tradução de Edson Bini. São Paulo: Edipro, 2009.
- BARNES, Jhonathan (Org). **Aristóteles**. Tradução de Ricardo Hermann Ploch Machado. Aparecida, São Paulo: Ideias e Letras, 2009.
- BINI, Edson. (trad.) **Ética a Nicômaco**. São Paulo: Edipro, 2009.
- KONSTAN, David. **A amizade no mundo clássico**. São Paulo: Odysseus, 2005.
- LARA, Renata de Oliveira. **A amizade na Ética a Nicômaco**. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Filosofia). Centro de Humanidades, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2009.
- OLIVEIRA, Andréa Coutinho Pessoa de. **A virtude da justiça no pensamento aristotélico**. Fortaleza, 2009.
- ORTEGA, Francisco. **Genealogias da Amizade**. São Paulo: Iluminuras, 2002.
- PICHLER, Nadir Antônio. **As três formas de amizade na ética de Aristóteles**. Art. da UNICAMP. Ano 4, n. 2, jul/dez 2004.
- PORCHAT PEREIRA, Oswaldo. **Ciência e dialética em Aristóteles**. São Paulo:

UNESP, 2001.

JÚNIOR, Possidônio F. Barbosa. **Justiça Política e Dignidade Humana: uma abordagem aristotélica no atual contexto latino americano**. Tese (Doutorado em Filosofia). Faculdade de Filosofia, Pontifícia Universidade Lateranense, Roma, 2012.

REALE, Giovanni. **História da Filosofia: Antiguidade e Idade Média**. São Paulo: Paulus, 1990.

ROCHA, Narcisa Ferreira Lima. **O agir ético segundo Aristóteles**. Fortaleza, 2009. Disponível em: <<http://www.uece.br/cmef/dmdocuments>> Acesso em 22 de set. de 2019.

SILVA, Ivanilda Marques. **A ética aristotélica enquanto horizonte para a felicidade**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Filosofia). Universidade Estadual da Paraíba, 2017. Disponível em <<http://dspace.bc.uepb.edu.br>> Acessado em 10 de ago. de 2019.

SILVEIRA, Denis. **As virtudes em Aristóteles**. Revista Ciência Humana - Educação. Rio Grande do Sul, v.15, n.25, 2000. p. 1-27.

UTZ, Konrad. **A Benevolência na definição aristotélica da amizade**. Hypnos, São Paulo, n.22, p. 35-60, 1º semestre 2009.

WARKEN, Hilda Maria. **Significado ético da amizade na Ética a Nicômaco**, Dissertação Mestrado em Filosofia – Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005. Disponível em <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/102014/225101.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em 23 de abr. de 2019.

WOLF, Ursula. **A ética a Nicômaco de Aristóteles**. São Paulo: Loyola, 2010.